

O incrível exército dos perguntadores e seus entrevistados geniais



Encostado no balcão do boteco, chupitando a cervejota, Marcílio, veterano militante negro é realista: "não sei por que tanto trê-lê-lê. Se o cara preto disser que é preto e o mestiço disser que é pardo, a gente chega lá e vai saber a porcentagem de mistura do sangue nacional. Acho que as palavras não importam tanto, o que interessa é o fato. Eu, por mim, sou pardo-escuro".

A garota Rosângela está fazendo vestibular. Quer ser socióloga, comunicadora ou "alguma coisa ligada a jornal ou publicidade". Recensar é o seu primeiro ofício e já gastou muita sola do tênis incrementado pelas ruas de Santo Amaro, em São Paulo. Já enfrentou

interfone dizendo "que não tem ninguém em casa"; gente que não abre a porta; gente que solta os bichos e os cachorros. "A experiência que estou acumulando é tão incrível, que vou acabar escrevendo um livro - *A Garota e o Censo*. Já pensou, cara?"

Léia, 37 anos, é arquiteta desempregada. Divorciada e com uma filha, ela batalha duro, fazendo comidas congeladas. "Eu estava bastante desanimada. A situação do País anda fogo. De repente, entrei nessa de Censo. Sabe que está sendo bom? Estou trabalhando no bairro onde moro e recenseando o pessoal do meu próprio prédio. Isso de chegar mais perto das pessoas, dos vizinhos, desenvolve um

sentimento de solidariedade muito grande, além da gente verificar que não está sozinha no sufoco. Estou cavando uma grana e me sentindo útil outra vez, principalmente para mim mesma".

Diariamente nos chegam ao conhecimento dezenas de casos e depoimentos de recenseados e recenseadores. Vai-se esboçando assim o retrato de uma sociedade que deseja conhecer os próprios traços e o próprio destino. Retrato que se desenha a partir do trabalho da estudante paulista Rosângela, da carioca Léia, do pernambucano Marcílio; dos recenseadores deste País imenso, que estão a percorrê-lo em busca da nossa verdadeira cara.

Presidente da República
Fernando Collor de Mello
Ministro da Economia, Fazenda e Planejamento
Marcílio Marques Moreira

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Eduardo Augusto Guimarães

Diretor-Geral
José Guilherme Almeida dos Reis

Diretor de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretor de Geociências
Mauro Pereira de Mello
Diretor de Informática
Nuno Duarte da Costa Bittencourt
Superintendente do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI)
Nelson de Castro Senra

censo
NOVEMBRO DE 1991, ANO 1 nº 11
Coordenadoria de Acompanhamento e Controle Operacional dos Censos /COC
Chefe da Coordenadoria
David Wu Tai

censo é uma publicação semanal da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com distribuição gratuita em todo País. É produzido e editado pela COC/Comunicação.

Equipe
Editora: Lena Frias
Participaram desta edição: Cesar Costa; Corina Serpa; Marcia Grinspun (Redação); Pedro Paulo Machado, Felipe Graça Melo (Diagramação e Editoração Eletrônica); Márcia Alonso, Patrícia Lobo (Composição); Augusto de Oliveira (Fotografia); Franklin Xavier (Tráfego).

Apoio: Assessoramento COC (Elson Mattos, Maria Vilma Sales Garcia, Germano A.

Zulchner Andrade, Lúcia Hippolito); Projeto Memória; Departamento de Documentação, Copidesque/reviões; Redação COC Imprensa; CDDI/Departamento de Editoração e Gráfica Distribuição COC/Galpão do Censo

Tiragem: 70 mil exemplares

Permitida a transcrição total ou parcial de matéria publicada no **censo**, desde que citada a fonte.

censo, R. General Canabarro, 666 Maracanã, Rio / RJ CEP 20271
Tel: 284-0299
Fax 254-3662
Telex 2135069

Coleção
IBEGEANA

censo

Rio de Janeiro, segunda-feira, 25 de novembro de 1991 • Ano I • nº 11 • IBGE

“É como uma reportagem e uma denúncia”

Claudia Garcia/AJB

Até breve

Com esta edição encerramos a presente fase do jornal **censo**, que veio acompanhando e apoiando a coleta de dados, em todo o País. Podemos agora expressar um pouco do nosso orgulho: **censo**, como jornal institucional é um projeto vitorioso. Haverá ainda mais uma edição, o **censo especial**, logo que os números da contagem nacional nos estejam disponíveis. Como sempre, abriremos aos leitores um painel de matérias, reportagens e artigos interessantes.

Obrigado a todos,

A editora

Ouro Preto de binóculos

Nilza Pereira, moradora do Morro de São Sebastião, em Ouro Preto, incorporou-se à pesquisa censitária de modo, no mínimo, original: munida de binóculo e diretamente de sua alta janela, Dona Nilza acompanha a romaria dos recenseadores na acidentada topografia de Ouro Preto. Quando, após chuva forte, uma recenseadora escorregou e caiu num barranco, foi imediatamente socorrida: alertadas por Dona Nilza, um bando de moradoras acudiu a moça, lavou e secou as roupas molhadas e ainda serviu lanchinho quente.

Não deixam por menos

Uma animada turminha de escola pública realizou, à sua maneira, e sob a orientação de uma professora de Educação Moral e Cívica, eficiente "censo" numa das áreas do populoso bairro carioca de Madureira, Zona Norte do Rio. Inspiradas no Censo 91, as crianças levantaram uma boa amostra do número de habitantes por sexo, idade, profissão, cor e mais alguns itens. Finda a pesquisa, que se estendeu por todo o mês de outubro, as crianças nos procuraram: querem que seu censo seja incorporado ao Censo geral ora em desenvolvimento.

Glória de Dourados

Se a tendência do Censo é confirmar o domínio das mulheres nos números da população brasileira, Glória de Dourados trafega na contra-mão dessa tendência: tem mais homens que mulheres. Primeiro a encerrar os trabalhos censitários no Mato Grosso do Sul, o município tem 6.026 homens e 5.854 mulheres.



Não são poucos aqueles que vêem o Censo como uma reportagem. E querem participar com as suas histórias, o seu depoimento, as suas informações e até com as suas denúncias.

Antônio Brandão, de 31 anos, é operário numa pequena metalúrgica de Barra Mansa, no Estado do Rio, casado, três filhos - dois em idade escolar. Antônio mora numa casa simples, porém confortável, construída com a colaboração de parentes, em terreno de sua própria família. Ele respondeu ao questionário de amostra do Censo 91 com o maior empenho e paciência. "É como prestar um serviço ao País".

Conversamos com Antônio, tomamos com ele um cafezinho acompanhado de bolo de fubá e registramos a sua maneira particular de entender o Censo: "É uma espé-

cie de reportagem sobre as pessoas do Brasil, como um Globo Repórter ou Manchete Documento Especial. Vejo o Censo como uma denúncia das más condições de vida do povo; dos preços altos que eu pago no supermercado, apesar de dizerem que não tem aumento na cesta básica; da mensalidade alta na escola dos meus filhos, mesmo sem poder, apertando daqui e dali, mas sem coragem de botar na escola pública, que anda muito ruim; dos baixos salários de gente como eu, que acorda às cinco da manhã e só volta prá casa já de noite, prá poder garantir um troco".

Para Antônio, "essas denúncias vão despertar o Governo e mostrar prá ele que nós do povo andamos muito apertados. E o Censo pode dar mais consciência aos políticos, para que eles nos representem melhor, porque vai mostrar as nossas necessidades".

Pessoa bastante bem informada, Antônio já sabe que haverá Censos Econômicos, cujos objetivos ele individualiza na sua própria pessoa: "Tomara que façam logo, prá que eu possa me sentir melhor no mercado de trabalho e saber com certeza se estou garantido no meu emprego ou se corro risco de demissão".

Contando em verso e prosa

Em verso e prosa; em música ou em cantoria, o Brasil fala no Censo. Na poesia popular um exemplo eloquente de integração do Censo à vida das pessoas está no cordel de Luiz Costa de Farias, de Tucumã, no Pará, recitado com acompanhamento de viola no Nordeste e no Norte do País.

O cordel no Censo

Luiz Costa de Farias

Foi a 5 de setembro
pelas nove da manhã
Que chegou os formulários
Da cidade Tucumã.

Recebe o IBGE
Todos os seus formulários
Mas fala aqui o Antônio,
Reclamando dos salários.

Quem logo ficou famosa
Foi a nossa Juliete
Que dando sua entrevista
ligeiro virou vedete.

O Erasmo se omitiu
De falar na entrevista
Dizendo ser importante
Sua fala em revista.

Agnaldo sorridente
Ligeiro queria ver
Todo este material
Para logo ir preencher.

O Sívio muito apressado
meteu logo a mão na grana.
Recebeu os 20 mil,
Pra tomar todo de cana.

Veio a Deusa coitadinha
Triste e meio lamentosa
Pois não recebeu dinheiro
Nem um pouquinho de prosa.

O Beni veio ligeiro
Trazendo logo o birô
Dizendo que pra cidade
Está fazendo um favor.

Presente também estava
Assim do lado direito
O Jorge que observava
Tudo muito satisfeito.



Chegou logo o pessoal
Da TV de Tucumã
Que fez logo a entrevista
Alegre e com grande afã.

Pesquisou os formulários
Que foram recém-chegados
Fizeram logo a filmagem
E saíram muito apressados.

Tinha um tal de Farias
Que ficou meio cabreiro
Só viu falar em serviço
Mais em nada de dinheiro.

Chegou também atrasado
O amigo Daniel
Querendo também entrar
Nesses versos de cordel.

O certo é que sexta-feira
Começa a recensar
Tudo aqui em Tucumã
Também pro lado de lá.

Peço à população
Que informe com carinho
Pois o recenseador
É um sujeito bonzinho.

Ele ganha alguns trocados
Ganha também Tucumã
Pois todos serão contados
Para o dia de amanhã.

Saberemos quantos somos
E também o que teremos
Virão melhores repasses
Por certo melhoraremos.

Vamos começar o Censo
Trabalhando com afinco
Por agora me despeço
Deixa que depois eu brinco.

“Que amanhã será esse?”

*Corina Serpa**

E agora, José?/A festa acabou,/a luz
apagou,/o povo sumiu,/a noite
esfriou,/e agora, José?/
E agora, você?/Você que é sem
nome,/que zomba dos outros,/você
que faz versos,/que ama, protesta?/E
agora, José?

(“José” de Carlos Drummond de Andrade)

O analfabetismo em nosso país tomou proporções epidêmicas. Qualquer plano ou projeto de desenvolvimento que não cuide desse problema com muita aplicação e igual seriedade será apenas mais um plano ou mais um projeto. Ser analfabeto, etimologicamente, significa “aquele que não conhece o alfabeto”, mas sabemos que é muito mais que isso. É ser privado de ampliar seus olhos, é ser impedido de ouvir melhor e entender melhor a sua própria história.

O empobrecimento que vem ocorrendo no Brasil aumenta cada vez mais o número de crianças e jovens que não aprendem as primeiras letras. É extremamente injusta uma sociedade que não cumpre com compromissos básicos para com a sua população. Que futuro pretendemos construir? Que amanhã será esse? De raquíticos e analfabetos? Parece que muitos de nós, “instruídos”, “intelectuais”, e outros títulos, perdemos a capacidade de revolta diante

de tamanho absurdo. Leio nos jornais muitas histórias e “bla-bla-blás” sobre educação básica, e aí? Tudo isso precisa sair do papel “prá ontem”. Creio que todos nós que ainda pensamos no Brasil, devemos efetivar nossa contribuição na luta contra a miséria e a ignorância do nosso povo. Que em cada igreja, cada templo, associação de moradores ou qualquer lugar onde um pequeno grupo possa se reunir e trocar com outras pessoas o que aprendeu, faça isso. Se não são escolas que faltam, então é vontade verdadeira de diminuir os números alarmantes de analfabetos em nossa terra.

Se crianças com dificuldades na aprendizagem chegam à escola, a escola precisa estar preparada também para esse atendimento. Existem métodos específicos para obter de cada aluno o resultado máximo dentro de suas limitações. Não é reprovando, nem eliminando o “menos apto” que vamos chegar perto do sentido mais amplo de educação. Seria extremamente cruel se continuássemos insistindo em métodos padronizados de alfabetização. Cada indivíduo traz todo o seu ambiente social, cultural, alimentar e genético quando chega à escola, e tudo isso precisa ser visto e tratado com respeito. Porque ninguém escolhe ser mal nutrido desde a barriga de sua mãe. O ambiente escolar precisa ser capaz de atender a todos que o pro-

curam. A escola só tem sentido para todos os seus alunos, não apenas para os bem dotados e que são o orgulho de seus pais e mestres, mas também para aqueles que têm, por esse ou aquele motivo, diferentes possibilidades. A escola hoje ainda elimina jovens de 13/14 anos, que não conseguem “aprender”. Aprender o que? A falha será desses jovens? Ou a escola não está adequada à sua clientela? Se os jovens de poder econômico melhor, mesmo com dificuldades na aprendizagem, conseguem desenvolver seus potenciais, porque o mais pobre não?

Se o Censo 91 confirmar os dados dramáticos dos censos anteriores sobre analfabetismo, assim como os indicadores recentes da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio) do IBGE, a sociedade como um todo precisa com urgência atacar de frente essa doença. Dela derivam com certeza outros tantos males que vêm minando o que um país tem de mais importante, suas crianças e seus jovens. Uma nação só é forte quando seus filhos podem exercer livremente sua cidadania, e não há cidadania onde poucos podem entender os direitos e deveres de ser cidadão.

**Corina Serpa é terapeuta especialista em comunicação e psicologia educacional junto a comunidades carentes, desde 1982.*



Ronaldo Theobald/AJB

“Não existe no mundo país que tenha superado o analfabetismo sem resolver as condições sociais que geram o analfabeto”

Sérgio Haddad, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação/ONG

“É preciso empenho para resolver um velho problema”

Entre os especialistas, uma das grandes expectativas quanto ao Censo 91 refere-se aos números do analfabetismo. De acordo com Valéria da Motta Leite, Coordenadora Técnica do Censo Demográfico, “o Censo verifica se a pessoa, a partir de cinco anos de idade, sabe ler e escrever. O critério é saber elaborar e ler um bilhete simples”. A partir de junho de 92 será possível conhecer as taxas de analfabetismo da população como um todo, bem como por grupos e sub-grupos (sexo, faixa etária e assim por diante). Para Alberto Bezerra Luiz e Suemy Yukizaki, analistas do Departamento de Estudos e Indicadores Sociais do IBGE, “os resultados do Censo 91 vão dar aos brasileiros um retrato atualizado da situação do analfabetismo no Brasil. Nós acreditamos que a reversão do quadro só será possível com a implementação de políticas orientadas para o atendimento dos condicionantes sociais que geram o analfabetismo”.

Chiquito Chaves/AJB



Dados do IBGE dão 18% da população como “analfabetos” ou cerca de 20 milhões de pessoas a partir dos 10 anos. Isto significa que em cada 100 brasileiros, 18 não sabem ler e escrever. O índice só vale se for levado em conta o critério da UNESCO de “saber ler e escrever um bilhete simples”. No Brasil três em cada quatro pessoas economicamente ativas não têm o primeiro grau completo. “Um conceito de alfabetização mais exigente incluiria 60 milhões na categoria de analfabetos”, denunciou recentemente o jornal *Folha de São Paulo*.

Ainda segundo o Jornal, de acordo com a UNESCO (Órgão das Nações Unidas voltado para a educação), o preço para reverter a questão da alfabetização é de 300 dólares/ano por pessoa. Para todo Brasil seriam neces-

sários cerca de oito bilhões de dólares, correspondente ao valor dos juros da dívida externa no ano passado.

“As consequências deste investimento não se limitariam ao aumento do número dos que sabem ler e escrever”, prossegue o Jornal. “Haveria reflexos na diminuição dos acidentes de trabalho e nos gastos médicos decor-

rentes. Seriam menos horas perdidas, mais produção e salários melhores”. Esse parece ser também o pensamento dos empresários. Para o diretor do Departamento de Micro, Pequenas e Médias Empresas, da FIESP, Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, “ingressar no Primeiro Mundo passa necessariamente pela alfabetização”.

Índices de analfabetismo por estado, segundo dados atuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/PNAD.

Piauí	50,66	Espírito Santo	24,05
Maranhão	49,18	Minas Gerais	21,28
Alagoas	48,51	Pará	20,29
Ceará	44,99	Mato Grosso do Sul	19,69
Rio Grande do Norte	43,72	Amazonas	18,28
Sergipe	43,32	Paraná	17,49
Paraíba	40,94	Brasília	14,37
Pernambuco	39,05	Rio Grande do Sul	14,30
Bahia	38,43	Santa Catarina	14,53
Mato Grosso	25,91	São Paulo	13,34
Goiás	24,54	Rio de Janeiro	13,32

O Brasil tem cara de mulher

Márcia Grinspun

A mãe natureza sabe muito bem o que faz: em todas as espécies, há mais fêmeas do que machos. A explicação, de acordo com a biologia, é simples: cabe à fêmea proteger a perpetuação da vida, aí incluindo-se a fêmea humana. A vida humana, ameaçada por agressões diversas, inclusive pela insensatez das guerras, tem na mulher a sua guarda e garantia. A mulher moderna arca com muito mais responsabilidades, inclusive a de competir no mercado de trabalho. Os censos continuam a registrar, salvo exceções devidas a distorções sociais, um número maior de mulheres do que de homens. O Censo brasileiro de 1991 aponta na mesma direção.

O Brasil tem cara de mulher. Pelo menos é o que as estatísticas populacionais vêm revelando. Desde o Censo de 1940, o índice de população feminina se mostra maior do que o da masculina. Naquele ano foram registrados 20.614.088 homens e 20.622.227 mulheres. Para o ano 2000, a diferença deverá continuar. As previsões para o próximo milênio são de que haja quase um milhão de brasileiras a mais no País, segundo dados extraídos do Anuário Estatístico do IBGE, do ano passado.

Embora em números essa diferença não chegue a 2%, no dia-a-dia ela é cada vez mais significativa. A mulher cresceu muito, como pessoa e como cidadã. O legado do movimento feminista da década de 70 contribuiu para dissipar a imagem da mulher como ser submisso, inferior. Aquela idéia da mulher criada e educada para o sacrifício, desde as dores físicas, como a dor do parto e o incômodo da

menstruação, até a classificação como um ser inferior, faz



Rosemarie Muraro: “Nós invadimos o mundo dos homens”

parte do passado. Um passado ainda bem recente, é verdade, que se ainda não foi banido de todas as cabeças, está prestes a se tornar simplesmente... passado.

Segundo Rosemarie Muraro, escritora e uma das diretoras da Rosa do Tempo -

editora especializada na publicação de livros escritos por mulheres -, a participação da mulher dentro da sociedade brasileira aumentou muito desde os anos 80, principalmente como força de trabalho. “A PNAD daquele ano”, lembra ela, “revelou que 35% da força de trabalho brasileira era composta por mulheres. Hoje esse número cresceu para 45%. Isso é um monumento. Nós invadimos o mundo dos homens”. Essa “invasão” deu-se a duras penas. A mulher hoje divide o mercado de trabalho com os homens, mas ainda está em desvantagem. O fato é que na realidade ela assumiu uma jornada dupla de trabalho: ao sair em campo para exercer uma atividade

profissional, não deixa de lado suas atribuições de mãe e dona-de-casa. Além da constatação dramática de que as mulheres ganham bem menos que os homens, ainda que exercendo as mesmas funções, inclusive as de chefia. (mais “mulheres” nas páginas quatro e cinco)

統計院 韓人社會에 협조 요청

Desde os anos vinte, orientais, em particular japoneses, migravam para o Brasil. Entre as razões do movimento migratório estava a busca de condições melhores de vida em relação às suas regiões de origem, afetadas ou por condições geográficas adversas (por exemplo solos difíceis para cultivo, catástrofes naturais, e assim por diante) ou por conflitos ou guerras de que decorria o empobrecimento das populações.

Evidentemente, as coisas hoje em dia são bem diferentes. O atual enriquecimento de países como Japão e a Coreia já planta na cabeça dos descendentes dos imigrantes orientais o sonho do retorno à terra ancestral.

O número de imigrantes em geral e de estrangeiros residentes no País sempre foi um dos dados abordados pelas pesquisas, em particular, os censos.

São Paulo foi o Estado que mais absorveu imigrantes de origem oriental. Esses imigrantes foram muito importantes para que São Paulo alcançasse o grau elevado de desenvolvimento urbano e industrial que hoje exhibe: os japoneses incrementaram sensivelmente a produção e comercialização de produtos perecíveis, como os hortifrutigrangeiros.

Entre os residentes chineses, japoneses e coreanos, naturalizados brasileiros ou não, o Censo Demográfico de 1980 contou, ao todo em São Paulo 120.231 pessoas. Apurou ainda que 2,3% da população brasileira era formada por japoneses e descendentes.

Os pesquisadores do Censo 91 não encontraram dificuldades mais

sérias - nem mesmo as linguísticas - em seu trabalho junto aos japoneses. O mesmo não se deu, porém, com a população coreana de São Paulo. Segundo a chefe da Agência do IBGE do bairro do Bom Retiro,

동포 여러분!

지금 브라질 정부에서 전국적으로 인구조사를 하고있어서 이 나라에 거주하고있는 사람은 누구를 막론하고 이 조사에 참여하게 되었습니다.

이 조사는 법적 문제와는 절대로 관계없고, 개인의 비밀을 보존하오니 염려할 바가 없습니다. 오히려 조사원들한테 아들이지 않고 조사를 거부할 때, 경찰이 동원되어 법적 조치를 받게됩니다.

그러므로 이 간단하고 단시간에 필하는 인구조사에 협력해야겠습니다.

조사원은 자기 신분증을 보여줄 것이고 집안에 들어올 필요 없이 밖에서 할 수 있습니다.

우리들의 안전을 위해서 협력해 주시기를 부탁드립니다.

Carta do pastor da igreja presbiteriana do bairro da Liberdade, pedindo a colaboração dos coreanos de São Paulo para o Censo 91.

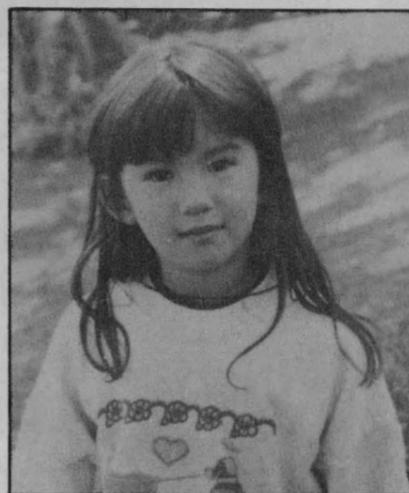
Lucy Maria Arruda Nascimento, os recenseadores estavam encontrando dificuldades em serem recebidos pela comunidade coreana que, muito desconfiada das perguntas, recusava-se a prestar qualquer informação. O que ocorre é que

muitos coreanos estão em situação ilegal no País, e temiam que o Censo pudesse "denunciá-los".

Para contornar, Lucy Maria enviou uma carta à Associação Brasileira de Coreanos, explicando os objetivos do Censo 91 e destacando a obrigatoriedade de prestar informações. Mas teve o cuidado de ressaltar que o IBGE mantém o mais absoluto sigilo sobre as informações recebidas dos recenseados. A Associação publicou em seu jornal um texto de esclarecimento sobre o Censo (página 9).

Assim como Bom Retiro, o bairro do Brás - conhecido pela colônia italiana que ali reside, é outra grande concentração de coreanos.

As primeiras impressões colhidas pelos recenseadores informam que a principal atividade entre os coreanos concentra-se na área de vestuário em geral. Os coreanos constituem famílias numerosas, com muitos agregados e é comum residirem no mesmo local onde trabalham.



A presença oriental, que os censos identificam como muito significativa, vem contribuindo para o estabelecimento de padrões importantes na vida brasileira - culturais, sociais, econômicos. A brasileira Mei Lin sintetiza a magia oriental com o charme latino e mestiço de nossa gente.

Jussara e Fatmato: "É sempre um desafio".

A partir do ano passado, as Delegacias Regionais do IBGE foram desdobradas em 25 Escritórios Regionais (ESET's) e 10 Departamentos Regionais (DERE's). Modo geral, essas estruturas são comandadas por homens, mas duas mulheres se fizeram exceção neste universo predominantemente masculino, reconhecidas pela competência e capacidade de trabalho. São elas: Jussara Colen Rivers, do Espírito Santo; e FatmatoEzzahra Shabib Hany, do Mato Grosso do Sul, até aqui as únicas chefiando ESET's. Para ambas, assumir este trabalho foi um grande desafio, não por lhes faltar qualificações profissionais, mas por serem mulheres ocupando cargos tradicionalmente exercidos por homens.

Jussara, 38 anos, 12 de Casa, foi a primeira a exercer o cargo. Ela assumiu em janeiro deste ano e 15 dias depois já enfrentava a primeira "prova de fogo". "Eu fui ao Rio participar de uma reunião de Chefes de ESEST's e me senti um "peixe fora d'água", como se estivesse invadindo um pouco aquela intimidade entre os ho-



Xuxa, a popular "rainha dos baixinhos", é exemplo marcante da mulher bem sucedida nos meios de comunicação. Hoje em dia ela vem recebendo cada vez mais convites para apresentar programas de TV em diversos países, inclusive nos Estados Unidos, onde a esperam contratos milionários. Pouco mais de 20 anos atrás, isso seria pouco provável.

mens. Mas eu não desanimei, fui quebrando as resistências e aos poucos me enturmando com o pessoal. Hoje temos uma relação de trabalho muito boa".

Para Jussara, a participação da mulher no mercado de trabalho evoluiu muito. "Até alguns anos atrás, as mulheres ingressavam no mercado de trabalho em busca de um meio adicional de renda familiar. Hoje existe a questão da satisfação pessoal, o desejo de não se limitar mais apenas às tarefas domésticas mas crescer como ser humano".

Para Fatmato Hany, 34 anos, chefe do ESET do Mato Gros-



so do Sul, 11 anos de IBGE, é sempre um pouco complicado, principalmente para os homens, ficar sob a chefia de uma mulher. "Existe um certo preconceito nesta questão. Eu sentia que no início havia algum constrangimento, uma medição de forças. Mas com o tempo tudo foi se acertando". Fatmato acredita que o crescimento e respeito pelo trabalho feminino é uma tendência natural. "A mulher vem lutando, se instruindo, justamente para isso".

As chefes dos ESET's do Espírito Santo e do Mato Grosso do Sul acreditam que os dados do Censo trarão benefícios para as mulheres brasileiras. A partir dos dados dos censos poderão ser melhor estudadas questões como a participação da mulher no mercado de trabalho, representação política até aspectos de controle de natalidade.

Enquanto isso, a mulher continua lutando com as armas de que dispõem no momento. "Sempre trabalhando com muito mais dedicação do que a maioria dos homens", comenta Jussara.



O traço e a troça alfinetando o Censo: "Só doi quando eu rio"

A charge, o traço, a caricatura. A capacidade de comentar, contestar, exigir, rir e brincar através das linhas do desenho conta com grandes nomes nessa arte. De Ziraldo a Lan; de Jaguar a Newton Ramalho; de Paulo a Chico Caruso; de Liberatti a Caulos; de Quel Paiva a Nani, isso sem que a gente se detenha muito nos históricos como J. Carlos, Alvarus, Loureiro, enfim, um plantel de celebridades, cujo trabalho repercute lá fora, entre os maiores. Aqui citamos apenas alguns, para através deles, representarmos todos os artistas desta casta especial. O Censo visto pelo olho da charge tem momentos geniais. Lembra um pouco aquela célebre, do Ziraldo, nos anos 70, ainda mais acerada pela frase "só doi quando eu rio".

